

# O último Luis Capucho não decepciona e é mesmo um passo à frente – Por João Carlos Rodrigues

- [| Imprimir |](#)



*Mamãe me adora*

Luis Capucho

## Edições da Madrugada/Vermelho Marinho

RJ, 2012

Já na capa, um retrato da genitora. E ainda Nossa Senhora de Aparecida e São Sebastião. Na contracapa, um poema. Que depois verificamos ter o mesmo nome do livro, e ser também o de uma canção homônima do autor, postada no youtube (<http://www.youtube.com/watch?v=mM0qygBfoss>). Boas pistas para começar.

*mamãe me adora / profundamente ela me quer / mais do que quis outros homens / que ela também amava / que ela também devorava / ciganos pedreiros patrões / com seus outonos e chuvas e furacões / mamãe me adora / e eu sou seu bebê / eu sou sua flor / sua pedra preciosa no fundo do peito*

*eu também sou feliz com homens / como os que amou mamãe / homens que são cheios de tesão / como diabos / homens que são como aparição / como Nossa Senhora / homens que são belos e bons / sentados homens em pé*

*fortes feios gordos galantes / machos motoristas rudes ruins / delicados generosos gentis / bravos brutos crespos lisos / presos soltos suaves sofisticados / simples soldados ciganos pedreiros patrões*

Como epígrafe, o samba-enredo do Império Serrano de 1976 (reprisado em 2009), *A lenda das sereias e os mistérios do mar*, aquele que todos conhecem e admiram (*O mar, misterioso mar / Que vem do horizonte / É o berço das sereias / Lendário e fascinante / (...) / Ela mora no mar / Ela brinca na areia / No balanço das ondas / A paz ela semeia*). Entramos sem dúvida no reino das entidades femininas, mães e sereias. Uma doce e que tudo perdoa. A outra, fatal e destruidora. Algo bem diferente dos livros anteriores de Capucho, que tratam da sexualidade masculina na sua forma homossexual exacerbada. Livros onde mulher não tem vez. Aqui ele desafia os que por ventura o enquadraram como autor de um tema só. Terão de rever seus pontos de vista.

É ele mesmo quem diz, em recente entrevista (Revista H, abril 2013): “Os meus livros parecem autobiográficos, mas quanto mais livros eu faço, mais eu vou ficando escritor, mais

eu vou deixando a minha imaginação funcionar ali naquela história. Então, por exemplo, no *Cinema Orly* tem mais confissão do que imaginação. O *Rato* já é um pouquinho ficção, o *Mamãe me adora* mais ficção ainda. Na prática de fazer Literatura os meus livros vão se tornando mais de ficção, vão me deixando mais livre. Eu vou melhorando o escrever, eu vou sabendo melhor, dominando melhor, sem pretensão”. E mais: “Eu prefiro dizer que não existe Literatura Gay. Existe Literatura, ela é uma só”.

Essa mistura mal disfarçada de autobiografia e ficção, tão presente nos clássicos da literatura maldita (Céline, Genêt, Kerouac), é sem dúvida o principal atrativo dos três livros de Luis Capucho. Pela sua visão inusitada das coisas que o rodeiam, e, principalmente, pelo modo como as transfigura através da escrita. A isso podemos talvez chamar estilo. Interessante que ele tenha surgido como cantor e compositor de baladas, atividades *pop*, quando seu texto (atividade considerada mais nobre) é bem mais expressivo que sua poesia cantada. Lembro que se formou em Letras, sendo pós-graduado, mas felizmente passou incólume pelos abomináveis cacoetes do pensamento estruturalista. Escreve claro e direto. Hoje ele é cada vez mais um escritor que também canta, e não o contrário.

Voltemos a *Mamãe me adora*, escrito em 2010, mas só publicado dois anos depois. Na maioria de suas 118 páginas, narra uma viagem do autor e sua mãe à Aparecida do Norte, de ônibus. Viagem cheia das reflexões e lembranças do filho, algumas eróticas, inclusive platônicas, como a do motorista do ônibus. Um mictório público no meio da estrada ecoa o ambiente de *Cinema Orly*. O pequeno enredo é muito fluente, e vai se tornando denso ao se aproximar do destino. A Mãe já é um personagem marcante no segundo livro (*Rato*), administrando uma cabeça de porco em Niterói, e existe uma impressionante descrição dela dormindo (*sentir que mamãe é um animal sonhando na cama debaixo do beliche é um estranho sentimento ... tenho medo de mamãe ... animal insuportável*). Aqui, embora seja apresentada como uma pessoa doce, alguns verbos associados à suas ações (devorar, ordenar) sinalizam uma ambivalente onipresença. E o livro culmina com a morte dela, dentro da basílica e diante de Nossa Senhora, santificada como só uma Mãe pode ser por um filho amantíssimo. São páginas belíssimas, de grande expressividade e emoção. Nas quais não falta também a ironia da chamada do celular com som de gargalhada, pertencente a uma moça de “olhos felizes”, que os acompanha desde a viagem de ônibus, como um contraponto.



Terá o nosso transgressor se transformado num católico fervoroso, mero papa hóstia? Afinal temos no livro referência a três manifestações da Virgem: a de Fátima, a de Lidón e a de Aparecida. Ledo engano, diria um erudito das antigas. Capucho não acredita em Deus, chega a afirmar textualmente. Também nos conta que, segundo a Mãe, debaixo da basílica há uma gruta encantada onde vive uma sereiazinha, que não fala português nem se comunica com ninguém. Ará ará ará ará – gargalha o celular da moça ao lado, como uma entidade pagã a debochar da fé monoteísta. Quem sabe Nananborocô, a mãe primeira do panteão afrobrasileiro, orixá das águas paradas, uma velha sereia. Trata-se, portanto, de um sincrético, um panteísta, sem dúvida um debochado. Vindo das últimas raspas do tacho do inconformismo do século 20, deslocado no insosso pragmatismo que anuncia ser o 21. Aproveitem enquanto é tempo, pois, de agora em diante, não surgirão mais pessoas assim com tanta frequência.

Luis Capucho já passou dos 50 anos e continua maldito no mundo inóspito dos escritores. Talvez seja a sua sina, o seu destino, o seu karma. Assim permanecerá por bom tempo ainda, não por vontade própria, mas devido à mediocridade e/ou compadrio do ambiente literário que o esnoba, mas que o aprisionaria se possível e o oprimirá caso titubeie. Menos mal. Outros autores também interessantes não tiveram a mesma sorte e foram absorvidos pelo Sistema politicamente correto, tornando-se *clowns* da *intelligentsia*, cortejando o público ou a mídia como cachorrinhos amestrados no picadeiro do grande circo. Se livro não vende mesmo, porque então ceder a um mercado que não existe? Luiz Capucho escreve o que quer, como quer, e cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é. Constato, entretanto, que aos poucos ele vai sendo reconhecido pelos mais atentos. Um autor *cult* para *happy few*. Mas que não seja como no samba do Nelson Cavaquinho, “quando se tornar saudade”.

OBS: Já sabemos o título de sua próxima obra: *Diário da piscina*. Aguardamos com atenção e interesse. Em breve teremos também quadros, pois começou a pintar. O tempo não para. ///

-----

***João Carlos Rodrigues é escritor, jornalista, roteirista de cinema e produtor musical.***